



O dia em que me tornei...



# COLORADO

Ricardo Freire

ilustrações:  
Junião



© Panda Books	Projeto gráfico <i>Daniel Condo</i> <i>Flavio Peralta</i>
Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Capa <i>Ana Miadaira</i>
Diretora comercial <i>Patty Pachas</i>	Diagramação <i>Estúdio O.L.M.</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Colaboração <i>André Lacerda</i> <i>Paulo Fortunato</i> <i>Rodolfo Rodrigues</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	Fotos <i>Agência RBS</i>
Assistentes editoriais <i>Juliana Silva</i> <i>Mayara dos Santos Freitas</i>	Preparação <i>Imídio de Pina Barros Jr.</i>
Assistentes de arte <i>Carolina Ferreira</i> <i>Mario Kanegae</i>	Revisão <i>Telma Baeza G. Dias</i> <i>Cristiane Goulart</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F933d

Freire, Ricardo

0 dia em que me tornei colorado / Ricardo Freire. - 1.ed. - São Paulo : Panda Books, 2008.

1. Sport Clube Internacional - História. 2. Futebol - Torcedores - Rio Grande do Sul. I. Título.

08-0887.

CDD: 796.334098165

CDU: 796.334(816.5)

2015

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para  
Manga, Cláudio, Figueroa, Hermínio e Vacaria;  
Caçapava, Falcão e Carpeggiani;  
Valdomiro, Flávio e Lula

# Sumário

**O INÍCIO DO INTERNACIONAL 25**

**OS TÍTULOS MUNDIAIS E NACIONAIS 31**

**OS 10 MAIS 39**

**A HISTÓRIA NOS CLÁSSICOS 60**

**OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS 73**

**CURIOSIDADES 91**







O que eu lembro é o seguinte: meu pai era sergipano, e minha mãe, de Passo Fundo.

Lembro que nasci em Porto Alegre, na Beneficência Portuguesa. Quer dizer: lembro de ter lido isso na certidão de nascimento. Lembro também de terem me contado que me mudei de Porto Ale-

gre com 3 anos de idade. Lembro dos álbuns de família que provam que eu morei rapidamente em Aracaju e também em Capela, no interior de Sergipe. Lembro – agora sim, de memória própria – que morei no Rio de Janeiro, e que de lá o Pai carregou a gente para Brasília.

Não, eu não lembro o dia em que me tornei colorado, se é isso que vocês querem saber.

Mas lembro que no dia 4 de agosto de 1974, eu morava em Brasília. Já fazia oito anos que eu estava longe de Porto Alegre. Não havia nenhum parente morando na cidade – nenhum tio, nenhum primo, nenhum conterrâneo sequer. Eu não sabia falar “tu” e, tenho certeza, chia-



va não apenas o “r”, como também o “s”. Nunca tinha entrado uma cuia de chimarrão em casa. Churrasco era só quando a gente ia de férias a Porto Alegre – uma vez a cada dois anos, e olhe lá. Aquele 4 de agosto de 1974 era um domingo, e tinha futebol na TV. Não, não passava futebol gaúcho na TV em Bra-



sília. Era o jogo de abertura da Taça Guanabara, o primeiro turno do Campeonato Carioca. Vasco X América. E eu me lembro de ter torcido para o América, que ganhou de 4 a 1.

Não torci para o América porque eu *fosse* América. Não torci como um torcedor, entende? Eu torci para o América, e isso eu me lembro muito bem, porque a camisa era vermelha.

Vermelha como a do Inter. O *meu* Inter.

Mas como é que eu era Colorado se meu pai era sergipano, se eu não sabia falar “tu”, se eu não tomava chimarrão, se eu chiava “erres” e “esses”, e vivia a 2 mil quilômetros e cinco estados de distância do Beira-Rio? Não me per-

gunte. Acho que eu já nasci Colorado e pronto.

Eu era um Colorado oco! Não sabia quem tinham sido Tesourinha, Bráulio ou Larry; não ouvira falar do Rolo Compressor; não fazia idéia de que, desde o início do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, em 1968, o Internacional era

